

Arqueologias da continuidade: gênero, trabalho e cinema clássico em perspectiva midialógica

*Arqueologías de la continuidad: género, trabajo y cine clásico en
perspectiva medialógica*

Dr.^a Márcia Cristina da Silva Sousa (Márcia Bessa)¹

Resumo

Esta pesquisa propõe uma investigação no campo da Arqueologia das Mídias para analisar o papel da mulher na consolidação do sistema de continuidade cinematográfica clássica e suas repercussões nas práticas contemporâneas de montagem e do mercado de trabalho audiovisual. O projeto busca desvelar a contribuição invisibilizada de continuístas – profissionais predominantemente femininas – na fundação do cinema clássico hollywoodiano (e seus desdobramentos), revisitando o conceito de continuidade/descontinuidade a partir de uma ótica de gênero e da materialidade técnica. A abordagem arqueológica permitirá mapear as permanências e rupturas desse cinema em ambientes midiáticos atuais, questionando como a "poética da obsolescência" (Elsaesser, 2018) pode revelar a história laboral e técnica feminina.

Palavras-Chave: Continuidade Cinematográfica; Mulher; Arqueologia das Mídias; Trabalho; História do Cinema.

Resumen

Esta investigación propone una indagación en el campo de la Arqueología de los Medios para analizar el papel de la mujer en la consolidación del sistema de continuidad cinematográfica clásica y sus repercusiones en las prácticas contemporáneas de montaje e de el mercado de trabajo audiovisual. El proyecto busca desvelar la contribución invisibilizada de las continuístas – profesionales predominantemente femeninas – en la fundación del cine clásico hollywoodiano (y sus desdoblamientos), revisitando el concepto de continuidad/discontinuidad a partir de una óptica de género y de la materialidad técnica. El abordaje arqueológico permitirá mapear las permanencias y rupturas de este sistema en ambientes mediáticos contemporáneos, cuestionando cómo la 'poética de la obsolescencia' (Elsaesser, 2018) puede revelar la historia laboral y técnica femenina.

Palabras claves: Continuidad Cinematográfica; Mujer; Arqueología de los Medios; Trabajo; Historia del Cine.

1. Introdução

Nosso tema exige uma abordagem rigorosa, atravessada pela perspectiva midialógica, para desvendar as origens de gênero nas funções técnicas do cinema. O cargo de continuísta² encontra sua gênese na ideia do secretariado, um campo de trabalho tradicionalmente feminino, que foi transferido para o ambiente de produção filmica. Com a progressiva complexificação

¹ Doutora e Memória Social; Faculdade CAL de Artes Cênicas; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; bessamarcia4@gmail.com.

² Ou supervisora de roteiro, tradução da expressão *script supervisor*, já algum tempo adotada pelas indústrias norte-americana e anglo-saxônica.

da montagem — o que, na verdade, foi a fundação da sintaxe cinematográfica clássica — os diretores passaram a cooptar suas secretárias para o *set*. Essa escolha era pragmática, pois a familiaridade dessas profissionais com a arquitetura do roteiro e a disciplina de anotação minuciosa dos detalhes do material captado (ROBERT, 1996) passaram a ser cruciais para a garantia da coerência espacial e temporal.

O termo inaugural para a função, *script girl* (garota do roteiro), era, em si, um dispositivo discursivo de minoração. Ao sublinhar o feminino e uma certa puerilidade nos princípios da atividade, o termo contribuiu para a desqualificação intelectual do cargo, apesar de sua importância estrutural. Não surpreende que a demografia do trabalho persista até hoje, já que a maioria das continuístas ainda são mulheres.

Essa dinâmica é paralela à realidade da sala de edição, onde a maior parcela das primeiras montadoras também era composta por mulheres. Tais cargos eram “frequentemente apontados como ‘femininos’” (MACHADO, 2023), sustentados pela ideia persistente de um trabalho meramente manual e pela concepção da sala de montagem como um espaço apartado do prestígio público e da autoria decisória. A célebre associação da moviola à máquina de costura não era uma metáfora inocente; ela era (e ainda é) um mecanismo que reforça essa tendência, ligando a manipulação da película ao labor doméstico e desvalorizando sua dimensão criativa e técnica.

Para ilustrar a urgência dessa revisão historiográfica, trazemos a figura de Elizaveta Svilova. Companheira e colaboradora de Dziga Vertov, Svilova foi a montadora de “Um homem com uma câmera” (1929), uma obra de vanguarda que Lyotard (*Apud* Parente, 2000) define como “cinema-matéria”. Nesse filme, que explora a materialidade do cinema de forma radical, a execução da montagem pelas mãos e olhos de uma mulher pontua uma de nossas questões centrais: o trabalho feminino meticuloso e invisibilizado não foi periférico, mas sim fundacional para a codificação formal do cinema, inclusive em seus momentos de maior experimentação estrutural. A genealogia silenciada desse trabalho exige um resgate imediato na crítica e na historiografia cinematográficas.

2. A continuísta entra em cena

O sistema de continuidade cinematográfica é o alicerce do chamado cinema clássico, mas seu desenvolvimento prático e técnico muitas vezes é analisado de forma despersonalizada. A historiografia do cinema tem demonstrado que o trabalho de base, como o das continuístas, que assegura a fluidez e a ilusão narrativa, foi majoritariamente desempenhado por mulheres. A invisibilidade do seu trabalho reflete um apagamento de gênero na história técnica do cinema. De forma mais ampla, precisamos pensar a participação da mulher no meio cinematográfico, notadamente nas ambiências da equipe técnica e do *set* de filmagem. E nesse sentido, a Arqueologia das Mídias pode guiar-nos, observando e registrando, sob uma nova ótica, tecnicidades e materialidades da continuidade.

A continuidade se tornou fundamental desde os primeiros passos da arte cinematográfica, refletindo-se, particularmente, no modelo dominante – o sistema de representação naturalista hollywoodiano: decupagem clássica, interpretação de atores e cenários naturalistas e narratividades estratificadas –, consolidado a partir de 1914 nos Estados Unidos da América e se alastrando rapidamente pelo mundo ocidental como um sinônimo do próprio cinema. Esse cinema, em sua vertente clássica hegemônica, estabeleceu-se sobre a ilusão de um fluxo narrativo contínuo e orgânico. O sistema de continuidade, com suas regras

de *raccord*, campo/contracampo e eixos de ação, foi o alicerce fundamental dessa espécie de costura invisível que visava apagar as marcas do trabalho e da técnica, assegurando a verossimilhança diegética. No entanto, a historiografia revisionista do cinema tem revelado que a consolidação desse sistema não é apenas uma questão de técnica abstrata, mas está profundamente ligada à divisão sexual do trabalho na nascente indústria de Hollywood (MACHADO, 2023). Vem de Ismail Xavier a especificação das pontes estabelecidas entre o sistema de continuidade e esse modelo específico de produção – o cinema clássico-narrativo hollywoodiano –, o modelo que em essência ainda hoje domina o circuito exibidor comercial ocidental:

[...] o interesse segundo o qual, em cada detalhe, tudo pareça real torna obrigatórios os cuidados ligados à coerência na evolução dos movimentos em sua dimensão puramente física. [...] Todos os objetos e as posições dos vários elementos presentes são rigorosamente observados e anotados para que uma compatibilidade precisa seja mantida dentro da sequência. As entradas e saídas (de quadro) das personagens são reguladas de modo a que haja lógica nos seus movimentos e o espectador possa mentalmente construir uma imagem do espaço da representação em suas coordenadas básicas. As direções de olhares das personagens desenvolvem-se segundo uma aplicação sistemática de regras de coerência. Dentro desta orientação, a decupagem será feita de modo a que os diversos pontos de vista respeitem determinadas regras de equilíbrio e compatibilidade, em termos da denotação de um espaço semelhante ao real, produzindo a impressão de que a ação desenvolveu-se por si mesma e o trabalho da câmera foi apenas "captá-la" (2005, p. 32-33).

Na produção cinematográfica, a filmagem “é o lugar da descontinuidade, da repetição, do erro, da desordem e de tudo aquilo que pode ser dissolvido, transformado ou eliminado na montagem” (XAVIER, 2005, p. 29). E para que toda a desordem produzida na realização dos planos possa vir a resultar um conjunto racional e fluente de imagens é necessário um trabalho minucioso e de atenção constante aos mais ínfimos detalhes da representação. Só assim, um plano poderá juntar-se aos seus adjacentes formando uma série coesa e, sobretudo, coerente sob o ponto de vista linear da narrativa clássica.

Afora a discussão sobre a importância da continuísta para a viabilidade da montagem cinematográfica, sua relevância para a compreensão arqueológica do cinema pode ser bem lida pela noção de mídias táteis como na proposta de Wanda Strauven, ou seja, “conectada à noção de ‘prática’, de colocar as mãos literalmente no objeto de arte ou dispositivo de mídia e de criar um contato físico e concreto” (2021, p. 31). A continuísta lida com objetos que permitem fluidez na realização filmica. Claquete, cronômetro, câmera fotográfica, *tablet* e o próprio roteiro, auxiliam-nos a analisar o cinema para além da narrativa, na relação material e nas extensões das mãos, olhos e ouvidos da continuísta. Sua atuação na ambiência do *plateau*, nas conexões estabelecidas com todos os departamentos da equipe técnica, influem na atmosfera do *set* de filmagem e nas interpessoalidades.

Esta pesquisa propõe uma investigação genealógica e crítica sobre essa intersecção, articulando a história técnica do cinema com os estudos de gênero, sob a égide metodológica da Arqueologia das Mídias. A partir do pensamento de Thomas Elsaesser (2018) e Siegfried Zielinski (2008), que questionam a linearidade da história da mídia e buscam nas “fendas do tempo” as permanências, descontinuidades e as não-histórias dos dispositivos, buscamos desvelar o papel da mulher na materialização e codificação da continuidade. Tido como trabalho

meramente burocrático no meio cinematográfico, a continuidade é o paradoxo que nos interessa: um trabalho de coerência e coesão que, ao ser bem-sucedido, se torna invisível. Investigar a presença feminina nesse ofício é, portanto, pensar a divisão de trabalho por gênero e buscar a materialidade técnica e laboral que foi historicamente apagada em prol da narrativa masculina de invenção e direção.

Neste cenário, a Arqueologia das Mídias surge como a ferramenta crítica ideal. Ela nos permite ir além de O que é o cinema? ou O que era o cinema? para perguntar “onde está o cinema” (ELSAESSER, 2018), analisando as continuidades e descontinuidades do *raccord* na era da mídia digital. Se o sistema clássico visa a invisibilidade, a estética da “pós-continuidade” (SHAVIRO, 2011), muitas vezes, relega a um segundo plano a continuidade narrativa. A pesquisa questionará, como a matriz da continuidade, forjada pelo trabalho feminino e pelo modelo clássico, ressurge ou é subvertida pelo cinema contemporâneo? A descontinuidade seria, paradoxalmente, uma revelação das fissuras e da “poética da obsolescência” inerente ao cinema, antes mascarada pela mestria de continuístas (e montadoras)?

Buscamos analisar a articulação entre a agência feminina e a formação do sistema de continuidade cinematográfica, utilizando a Arqueologia das Mídias para mapear sua genealogia invisibilizada e suas transformações nas práticas de edição e na configuração do mercado de trabalho audiovisual contemporâneos. Por meio de um aprofundamento genealógico e de uma análise comparativa midialógica, este estudo visa recuperar a contribuição essencial da mulher para a linguagem e o *set* de filmagem, oferecendo uma nova perspectiva para a História do Cinema e para a crítica das narrativas pós-modernas.

3. Conclusão

Faz-se premente proceder a uma reavaliação crítica e irrestrita da História do Cinema, partindo do pressuposto de que a sua formalização enquanto linguagem canônica e sistema industrial é, em grande medida, indissociável da agência feminina, cujas contribuições foram sistematicamente relegadas ao esquecimento historiográfico. O cerne desta investigação reside na análise da articulação intrínseca entre o trabalho e as inovações promovidas pelas mulheres nos bastidores e a subsequente formação do sistema de continuidade cinematográfica, um dos pilares da própria sintaxe da narrativa fílmica clássica.

A metodologia empregada é a Arqueologia das Mídias. Esta abordagem se revela essencial, pois nos permite subverter a história linear e teleológica, buscando as descontinuidades e as camadas mais profundas e invisibilizadas que, de fato, moldaram a técnica. Nosso foco arqueológico é o mapeamento da genealogia silenciada da agência feminina, rastreando a maneira como a atuação de pioneiras em funções cruciais como a *script continuity* (continuidade) e a montagem estabeleceu, de modo seminal, os protocolos de sintaxe e a própria organização espacial do *set*. É vital reconhecer que aquilo que foi percebido e interpretado como um trabalho meramente mecânico ou de detalhe – e, por isso, idealmente atribuído a mulheres na divisão social do trabalho técnico – constituiu, em sua essência, a fundação operacional da lógica espaço-temporal que define o cinema narrativo.

Por conseguinte, por meio de um aprofundamento genealógico e de uma análise comparativa midialógica, visamos não apenas resgatar, mas demonstrar o caráter essencial e estrutural da contribuição da mulher tanto para a linguagem fílmica quanto para a organização produtiva do *set* cinematográfico. A análise se estende a uma comparação rigorosa com as

práticas de edição contemporâneas, investigando criticamente as transformações, remediações e permanências dessa herança no contexto do audiovisual digital e da cultura de fluxo.

Em última instância, oferecemos uma nova perspectiva para a História do Cinema, deslocando o foco da autoria estritamente masculina para um reconhecimento explícito das coautorias técnicas e conceituais. Ao reescrever essa história a partir de uma ótica de gênero e mídia-arqueológica, instrumentalizamos a crítica das narrativas contemporâneas com um aparato analítico mais completo, expondo as políticas de produção e as lógicas de poder que persistem na indústria audiovisual até a atualidade.

Referências

ELSAESSER, T. *Cinema como arqueologia das mídias*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2018. 320 p.

MACHADO, C. B. M. Montadoras como espectadoras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 3, e87554, set. 2023. ISSN 1806-9584. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2023000300209&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 30 out. 2025.

PARENTE, A. *Narrativa e modernidade: os cinemas não-narrativos do pós-guerra*. São Paulo: Papirus Editora, 2000. p. 10-35.

ROBERT, F. W. ZOOM – TV Cultura. Continuidade no cinema, 1996. Arte e Cultura – Zoom. Disponível em: <https://youtu.be/JiINka1liI>. Acesso em: 14 fev. 2020.

SHAVIRO, S. *The cinematic body: theory out of bounds*. Minnesota, US: University of Minnesota Press, 2011. 292 p.

STRAUVEN, W. *Touchscreen archeology: tracing histories of hands-on media practices*. Lüneburg, GER: Meson Press Eg., 2021. 260 p.

XAVIER, I. (Org.). *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 212 p.

ZIELINSK, S. *Deep Time of the Media: Toward an Archaeology of Hearing and Seeing by Technical Means*. Massachusetts, US: The MIT Press, 2008. 374 p.